

Monólogo 1

Irina, *Três Irmãs*, de Anton Tchekov

Hoje, quando acordei, levantei-me e tomei banho, de repente pareceu-me que tudo no mundo estava tão claro e que eu sabia como se deve viver. Querido Ivan Romanitch, eu sei tudo. O homem deve esforçar-se, trabalhar com o suor do rosto, quem quer que seja, e só nisso reside o sentido e objetivo da vida, a nossa felicidade e o nosso prazer. Como é bonita a vida do operário que se levanta de madrugada e parte pedras na estrada, ou do pastor ou do professor que ensina as crianças, ou do maquinista na linha de ferro... Meu Deus! Tem muito mais valor, não apenas o homem que trabalha, mas também o boi e o cavalo de carga, do que uma jovem casada que acorda ao meio-dia, toma o seu pequeno-almoço na cama, e demora duas horas para se arranjar... Ai, como isto é terrível! Só o calor do verão é capaz de nos deixar tão sedentos como a sede que eu tenho hoje de trabalhar. E se de agora em diante eu não me levantar cedo e não trabalhar, negue-me a sua amizade, Ivan Romanitch.

Monólogo 2

Hamlet, de William Shakespeare

Peço-te que digas a tirada como eu a pronunciei, com a língua ágil, com uma dicção certa. Mas se mastigas as palavras, como fazem muitos dos nossos actores, então antes quero que seja o homem dos pregões a dizer os meus versos. E também não esbracejes muito; assim. Usa tudo com medida. Pois na própria torrente, tempestade, ou mesmo no turbilhão da tua paixão, tens de conquistar e criar um equilíbrio que a tudo dê harmonia. Ai, dói-me até a alma quando ouço um moço robusto, cheio de cabelos postiços, a rasgar a paixão em tiras e farrapos para furar os ouvidos da gente da plateia que, na sua maior parte, só gosta de mímicas inexplicáveis e de barulho. Eu gostava de ver esse actor chicoteado, por ser mais Termagante do que Termagante; ele herodiza de mais o Herodes. Peço-te: não caís nesse defeito.